

Inês Ribeiro  
Raquel Policarpo

# SEGREDOS DE LISBOA

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS SURPREENDENTES  
SOB AS RUAS DA CAPITAL PORTUGUESA

a esfera  dos livros

# ÍNDICE

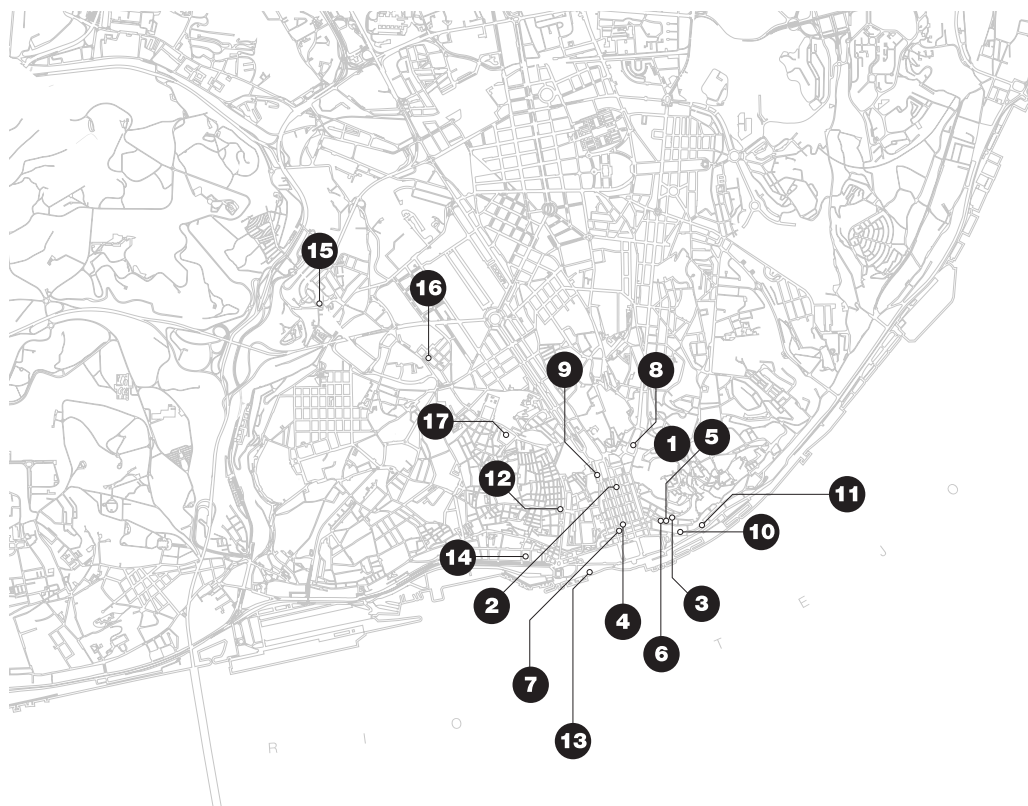
Introdução . . . . .	13
1. O Castelo de São Jorge: um gigante de vigia à cidade . . . . .	15
2. O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC): Um bolo de camadas sob a sede de um banco . . . . .	35
3. O Teatro Romano de Lisboa: subir a cortina para o Passado. . . . .	47
4. As Galerias Romanas da Rua da Prata: A longa história de um criptopórtico . . . . .	59
5. O Claustro da Sé de Lisboa: um grande mistério da Arqueologia lisboeta . . . . .	71
6. Cripta da Igreja de Santo António: Uma longa amizade entre Lisboa e o seu Santo . . . . .	85
7. A Muralha de D. Dinis: um regresso ao dia a dia da Baixa . . . . .	95
8. A Muralha Fernandina: Um abraço de pedra à cidade medieval. . . . .	109
9. O Hospital Real de Todos-os-Santos: O sonho de um príncipe ao serviço de uma cidade . . . . .	121

10. A Casa dos Bicos: «O homem sonha, a obra nasce» . . . . .	139
11. O WC do Largo da Sé: o Passado à espreita onde menos se espera . . . . .	151
12. Os Armazéns Sommer: Uma agradável caixinha de surpresas . . . . .	163
13. O Palácio dos Marqueses de Marialva: De palácio a casebre, o sobrevivente de uma Era. . . . .	175
14. A Lisboa à beira-rio: Uma amizade de séculos entre o Homem e o Mar . . . . .	189
15. O Aqueduto das Águas Livres: Um labirinto de água debaixo dos nossos pés . . . . .	209
Bibliografia. . . . .	225
Agradecimentos . . . . .	239

*Para a minha mãe*  
(Inês Ribeiro)

*Para os meus filhos*  
(Raquel Policarpo)

*A todos os que escavam o Passado  
e fazem dele o seu Presente*



**1**

### Castelo de São Jorge

#### COORDENADAS

38° 42' 50.30" N

9° 7' 59.37" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 737 PARA NO CHÃO DA FEIRA, EM FRENTE À ENTRADA DO CASTELO

**ELÉTRICO** OS ELÉTRICOS 12 E 28 PARAM NO MIRADOURO DE SANTA LUZIA. DEPOIS BASTA SUBIR A TRAVESSA DE SANTA LUZIA E A TRAVESSA DO CHÃO DA FEIRA.

**A PÉ** PARTINDO DA BAIXA, SUBIR A RUA DE SANTO ANTÓNIO DA SÉ E A RUA AUGUSTO ROSA ATÉ AO LARGO DE SANTA LUZIA. A PARTIR DAÍ, SUBIR A TRAVESSA DE SANTA LUZIA E A TRAVESSA DO CHÃO DA FEIRA.

**ELEVADOR** APANHAR O ELEVADOR DA BAIXA NO N.º 178 DA RUA DOS FANQUEIROS E O ELEVADOR DO PINGO DOCE NO LARGO DA MADALENA. NO TOPO DA COLINA, SUBIR A COSTA DO CASTELO E A RUA BARTOLOMEU DE GUSMÃO ATÉ À ENTRADA DO CASTELO.

**2**

### Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros

RUA DOS CORREIROS, N.º 21

#### COORDENADAS

38° 42' 35.86" N

9° 8' 13.52" W

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO BAIXA-CHIADO DA LINHA AZUL OU NA ESTAÇÃO ROSSIO DA LINHA VERDE.

**3**

### Teatro Romano de Lisboa

PÁTIO DO ALJUBE

#### COORDENADAS

38° 42' 38.17" N

9° 7' 56.63" W

#### COMO CHEGAR

**A PÉ** SUBIR A RUA DE SÃO MAMEDE ATÉ ENCONTRAR À ESQUERDA O TEATRO E À DIREITA A ENTRADA PARA O MUSEU.

**4**

### Galerias Romanas da Rua da Prata

RUA DA CONCEIÇÃO

#### COORDENADAS

38° 42' 34.78" N

9° 8' 11.75" W

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO BAIXA-CHIADO DA LINHA AZUL.

**5**

### Claustro da Sé de Lisboa

LARGO DA SÉ

#### COORDENADAS

38° 42' 35.48" N

9° 7' 57.35" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 737 PARA NO LARGO DA SÉ  
**ELÉTRICO** OS ELÉTRICOS 12 E 28 PARAM NO LARGO DA SÉ.

**A PÉ** PARTINDO DA BAIXA, SUBIR A RUA DE SANTO ANTÓNIO DA SÉ ATÉ À CATEDRAL.

**6**

### Cripta da Igreja de Santo António

LARGO DA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO

#### COORDENADAS

38° 42' 35.99" N

9° 8' 1.22" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 737 PARA NO LARGO DA SÉ, JUNTO AO LARGO DA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO.

**ELÉTRICO** OS ELÉTRICOS 12 E 28 PARAM NO LARGO DA SÉ, JUNTO AO LARGO DA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO.

**A PÉ** PARTINDO DA BAIXA, SUBIR A RUA DE SANTO ANTÓNIO DA SÉ ATÉ À IGREJA.

**7**

### Núcleo de Interpretação da Muralha de D. Dinis

BANCO DE PORTUGAL, LARGO DE SÃO JULIÃO

#### COORDENADAS

38° 42' 10.44" N

9° 17' 15.468" W

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO BAIXA-CHIADO DA LINHA AZUL.

**A PÉ** PARTINDO DA BAIXA, DESCER A RUA DE SÃO JULIÃO EM DIREÇÃO À PRAÇA DO MUNICÍPIO. PARTINDO DO CHIADO, DESCER A RUA NOVA DO ALMADA.

**8**

### Muralha Fernandina – Torre do Jogo da Pela

PRAÇA DO MARTIM MONIZ

#### COORDENADAS

38° 42' 55.04" N

9° 8' 12.27" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 708, 734 E 760 PARAM NA PRAÇA.

**ELÉTRICO** 12E, 28E PARAM NA PRAÇA.

**METRO** ESTAÇÃO DO MARTIM MONIZ DA LINHA VERDE.

**A PÉ** A PARTIR DA RUA DA PALMA, NO INTERIOR DA NOVA URBANIZAÇÃO DA EPUL.

**9**

### Hospital Real de Todos-os-Santos

PRAÇA D. PEDRO IV

#### COORDENADAS

38° 42' 50" N

9° 8' 22" O

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO DO ROSSIO DA LINHA VERDE OU ESTAÇÃO DOS RESTAURADORES DA LINHA AZUL.

**10**

### Casa dos Bicos

CAMPO DAS CEBOLAS, RUA DOS

BACALHOEIROS, 10-10F

#### COORDENADAS

38° 42' 32.88" N

9° 7' 57.55" W

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO DA LINHA AZUL.

**A PÉ** PARTINDO DA BAIXA, PERCORRER A RUA DA ALFÂNDEGA DESDE O TERREIRO DO PAÇO ATÉ AO CAMPO DAS CEBOLAS.

**11**

### Armazéns Sommer

RUA CAIS DE SANTARÉM, N.º 66 A 38

#### COORDENADAS

38° 42' 38.17" N

9° 8' 36.34" W

#### COMO CHEGAR

**A PÉ** A PARTIR DO CAMPO DAS CEBOLAS, PERCORRER A RUA CAIS DE SANTARÉM. O PALÁCIO FICA A SEGUIR AO ARCO DE JESUS.

**12**

### Palácio dos Marquês de Marialva

PRAÇA DE LUÍS DE CAMÕES

#### COORDENADAS

38° 42' 38.17" N

9° 8' 36.34" W

#### COMO CHEGAR

**METRO** ESTAÇÃO BAIXA-CHIADO DA LINHA AZUL.

**A PÉ** NO LARGO DE CAMÕES, DESCER AS ESCADAS PARA O PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO.

**13**

### Lisboa à Beira-Rio

AVENIDA RIBEIRA DAS NAUS

#### COORDENADAS

38° 42' 23.04" N

9° 8' 25.50" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 714; 728; 732; 735; 736; 760; 781 E 782.

**ELÉTRICO** 15E E 25E.

**METRO** ESTAÇÃO DO TERREIRO DO PAÇO DA LINHA AZUL OU ESTAÇÃO DO CAIS DO SODRÉ DA LINHA VERDE.

**A PÉ** PARTINDO DO TERREIRO DO PAÇO, AS

ESTRUTURAS PRESERVADAS DO ARSENAL DA MARINHA ENCONTRAM-SE AO LONGO DA AVENIDA RIBEIRA DAS NAUS, EM DIREÇÃO AO CAIS DO SODRÉ.

**14**

### Praça D. Luís I

#### COORDENADAS

38° 42' 25.50" N

9° 8' 56.33" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 201, 706, 728, 732, 760

**ELÉTRICO** 15E E 18E

**METRO** ESTAÇÃO DO CAIS DO SODRÉ DA LINHA VERDE.

**A PÉ** PARTINDO DO CAIS DO SODRÉ, PERCORRER A AVENIDA 24 DE JULHO EM DIREÇÃO A BELÉM. A PRAÇA FICA A SEGUIR AO MERCADO DA RIBEIRA.

**15**

### Aqueduto das Águas Livres

TRAVESSIA DO VALE DE ALCÂNTARA

CALÇADA DA QUINTINHA, N.º 6, CAMPOLIDE

#### COORDENADAS

38° 43' 47.09" N

9° 10' 13.55" W

**16**

### Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras

PRAÇA DAS AMOREIRAS, 10

#### COORDENADAS

38° 43' 16.55" N

9° 9' 20.54" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 758

**METRO** ESTAÇÃO DO RATO DA LINHA

AMARELA.

**A PÉ** A PARTIR DO LARGO DO RATO, SUBIR A RUA DAS AMOREIRAS.

**17**

### Reservatório da Patriarcal

PRAÇA DO PRÍNCIPE REAL

#### COORDENADAS

38° 42' 58.13" N

9° 8' 56.54" W

#### COMO CHEGAR

**AUTOCARRO** 758

**METRO** ESTAÇÃO DO RATO DA LINHA

AMARELA.

**A PÉ** A PARTIR DO LARGO DO RATO, PERCORRER A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA ATÉ AO JARDIM DO PRÍNCIPE REAL.

## INTRODUÇÃO

**A**o percorrer as ruas de uma cidade, poucos são os que sabem que sob os seus pés permanecem escondidos séculos de História, vestígios de várias épocas que estão à espera de, quem sabe, um dia voltarem a ver a luz do dia.

Na pressa do dia a dia ou na descoberta de uma nova cidade, é difícil parar e pensar no que já desapareceu, ver para além das pedras da calçada e imaginar os edifícios, ruas e antigas cidades que ali existiram antes.

Passear pela Lisboa de hoje é passar sobre todo esse passado desaparecido. Sob os nossos pés, debaixo de linhas de elétrico, ruas asfaltadas e túneis de metro, camadas e camadas de terra contam as histórias de quem por aqui passou, viveu, morreu. Contam momentos, eras, séculos de vivência de fenícios, romanos, muçulmanos, cristãos, uma imensidão de gentes que nestas colinas deixou a sua marca.

Mas o passado não está esquecido. Escavação após escavação, obra após obra, os arqueólogos que aqui trabalham vão descobrindo todo este passado e, com as suas picaretas, colherins e escovas, tratam de o registar e trazer de volta à memória coletiva de um povo. As ruínas de uma casa, um conjunto de cacos, ou uma mão-cheia de espinhas de peixe são para estes profissionais

importantes fontes de informação que mais tarde dará origem a mais conhecimento, mais História de Lisboa.

Infelizmente nem tudo fica intacto para ser visto e apreciado pelo público, e muito do trabalho que é feito todos os dias, cada intervenção urbana, cada descoberta, fica sob a nova cidade que se vai construindo e reconstruindo. Sempre assim foi nesta Lisboa que já se recriou mais de uma vez. O futuro não para de chegar, mas não é por isso que o Passado deve ficar esquecido.

Nestas páginas, através de histórias e personagens que poderão ou não ter existido nas várias Lisboas, alguns locais e momentos regressam à luz do dia e partilham o conhecimento de épocas e sítios que muitos desconhecem. Alguns deles desapareceram para sempre, mas outros ainda podem ser visitados. Num museu, num parque de estacionamento ou numa casa de banho pública, todos estão à espera de receber visitas!



1.

O CASTELO DE SÃO JORGE:  
UM GIGANTE DE VIGIA À CIDADE

**E**m tantos anos de vida nunca D. Mécia tinha visto tamanha desordem! Por todo o lado se espalhavam pedras de vários tamanhos e pilhas de madeiras, homens sujos trabalhavam numa grande azáfama enquanto outros passavam o dia gritando ordens, os carros de bois e as carroças carregadas de material sempre passando de um lado para o outro, cobrindo o chão de sujeira e largando um cheiro pestilento.

Não gostava desta confusão, e assustavam-na os grandes engenhos de madeira, altas torres cheias de cordas penduradas que mais lhe pareciam forcas e que não sabia para o que serviam. Mas o que realmente a incomodava era a poeira, agora sempre pairando no ar, e o barulho constante do bater da pedra. Também não gostava de ter de se desviar do caminho de tantos anos e ser obrigada a dar uma tão grande volta para chegar às cozinhas. As suas pernas já não eram as mesmas que, há mais de 50 anos, haviam entrado naquele castelo conduzindo uma simples criada de cozinha ao seu primeiro dia de trabalho.

Muito tinha mudado desde essa altura. Pelos seus olhos e pelas suas cozinhas tinham passado as refeições de quatro reis, pois ainda vira o velho Afonso IV e o desafortunado D. Pedro que tantas histórias tinha feito contar por esse país afora. Pior

só o seu filho, o desgraçado D. Fernando, que a si trouxera a má sorte ao casar com aquela Aleivosa, mulher de má fama que tanto mal causara ao reino. Felizmente poucas vezes a servira, pois sabendo-se pouco queridos em Lisboa raramente cá vinham suas majestades.

Tudo era diferente agora, com o novo rei D. João, aquele Mestre de Avis que o povo escolhera ainda há poucos anos num dia sem igual em que a cidade saíra à rua para se fazer ouvir. D. Mécia bem ouvira o eco da gente que subira a colina, o bramor da multidão que se concentrara na Sé e no Paço a-par-de-S. Martinho a ver matar bispos e condes castelhanos. Não esquecera os longos meses de cerco que se tinham seguido, com os castelhanos acampados às portas da cidade sem deixar ninguém entrar ou sair. Muito tinha trabalhado nessa altura, tentando acudir a todos os que acorriam ao castelo a pedir a comida que ali também escasseava. Valera-lhes nessa altura a vontade de Deus, que tinha achado por bem enviar a peste aos malditos castelhanos para os obrigar a abandonar os arrabaldes e a voltar para de onde tinham vindo!

Lisboa tinha respirado fundo nessa altura, e ela mais que muitos, para logo se preocupar com as notícias oriundas dos campos de batalha, novas de vitórias sofridas e de homens perdidos, mas também de um rei corajoso rodeado de fiéis validos, jovens valentes como Nuno Álvares Pereira, tão pio como bravo e o melhor amigo que D. João podia ter.

Tantas vitórias tinham acabado por lhe trazer este amargo de boca. Um bom rei, era certo, mas D. João mais parecia pedreiro, tão dedicado estava a fazer obras nos palácios reais e agora até ali no castelo! Já não bastava tê-lo entregue à proteção de um santo inglês, e agora ainda tinha desatado a mudar o que ali havia e a construir novas casas. Um dos aios do rei bem lhe tinha tentado fazer mudar as ideias, explicando que o velho paço real iria ficar mais bonito e o castelo mais seguro, mas tudo isso não

a fazia mudar de ideias e gostar de toda a confusão de obras que p'rali ia. Parecia que durante toda a sua vida tinha visto aquele castelo em obras, rei após rei fazendo alterações e acrescentando coisas. Cavalariças, palácios nobres, Casas das Rainhas, igrejas e capelas, tudo cabia no topo da colina. Ainda há poucos anos o rei D. Fernando pusera a cidade em alvoroço com a construção da nova muralha à volta da cidade e o paço, quando trouxera para a Torre do Haver os arquivos do reino. É claro que ela sabia que a muralha a protegia e que se o rei queria os arquivos ali, ele é que sabia, mas desde então nunca mais ninguém lhe tirara o medo que uma vela mal apagada pusesse fogo a todos os papéis que ali guardavam e acabasse por consumir todo o paço.

Enquanto isso não acontecia, D. Mécia lá se tinha resignado a rezar ao santo dos ingleses, pedindo-lhe que protegesse este castelo que agora lhe fazia honra. Até porque, apesar de barulhentos, os poucos soldados ingleses que ainda por ali andavam nunca lhe tinham dado razão de queixa com brigas e más criações, e eram sempre simpáticos quando iam à cozinha pedir mais alguma cerveja ou carne. Certamente não queriam deixar ficar mal aquela que agora era rainha de Portugal, D. Filipa de Lencastrre, essa inglesa tão clara que quase parecia uma das imagens das igrejas. Pouco ainda a vira, e sempre ao longe, mas bastava-lhe saber que era uma boa cristã e que fazia o seu rei feliz, pois na corte ninguém conseguia ignorar o sentimento que acabara por unir aqueles esposos que só se tinham conhecido no dia do casamento. Estavam certamente fadados a uma vida feliz e com uma grande prole, querendo Deus.

Como fazia todas as manhãs desde que se lembrava, foi à Igreja de Santa Cruz dizer uma pequena prece pelo sucesso do reino antes de se dirigir às cozinhas. Atravessou depois o bairro em direção ao paço, que já via por entre os telhados. Era um conjunto estranho, construído ao longo de várias décadas por vários reis que haviam adicionado novos andares, salas e salões,

criando o que ao longe mais parecia uma pequena aldeia com telhados de diferentes alturas, pátios e capelas. Raramente lá ia, porque as cozinhas e todos os edifícios destinados aos criados ficavam numa zona à parte, e era aí que fazia o seu trabalho, de supervisionar as doceiras que confeccionavam as sobremesas e os doces com que a família real e a corte terminavam as refeições.

A azáfama nas cozinhas era sempre muito grande, com várias dezenas de criados ocupando-se dos diferentes afazeres que uma cozinha real implicava. No pátio da entrada, a um canto, várias garotas depenavam galos e galinhas e descascavam os legumes que iriam depois ser usados nos guisados. Dentro do grande salão, há horas que os assadores tinham posto os animais no espeto e os padeiros haviam começado a fazer o pão e a massa das tartes. Esse lado da cozinha era sempre o mais fumarento, as grandes chaminés esforçando-se para dar vazão às fogueiras e aos fornos instalados num pequeno vão. Ali D. Mécia podia ainda ver vários criados de volta de largos panelões suspensos sobre as lareiras, onde se começavam os ensopados de grão, favas e carne. O recheio das tartes de miúdos já fritava nas grandes sertãs, normalmente penduradas em fileiras ao longo das paredes, deitando o doce aroma das especiarias e ervas aromáticas que as temperavam. Estas amontoavam-se em pequenos cestos de verga, espalhados pela grande cozinha para que todos pudessem chegar-lhes. Por todo o lado ecoava o som dos almofarizes, onde se moíam as ervas locais e se faziam misturas com alguns preciosos produtos vindos do Oriente, que só alguns naquela cozinha sabiam e podiam usar.

D. Mécia ficou satisfeita por ver que todas as suas raparigas estavam já ao trabalho, reunindo em cima da grande bancada tudo o que era necessário para começar a fazer os bolos, pastéis e outros doces que terminariam a refeição. D. Mécia supervisionava diretamente as caldas doces que cobririam as amêndoas e outros frutos secos vindos especialmente de várias regiões do

reino. Usava os seus muitos anos de experiência para medir as quantidades de mel, ervas e licores que deitava na mistura e para regular a força do lume, para que o resultado fosse a cremosa mistura doce e aromatizada que tantos apreciavam naquele castelo. As raparigas mais novas partiam os ovos e as moças mais velhas já mediam os outros ingredientes que eram depois misturados nos grandes alguidares vidrados. As várias formas de cobre e ferro empilhadas a um canto iriam ser enchidas com as várias massas de bolos, e D. Mécia já mandara perguntar aos fornos se havia espaço livre para elas. Os padeiros deveriam estar a tirar do forno as bases das tartes e em breve poderiam começar a recheá-las com frutos, nozes e amêndoas.

As horas passavam rápido, e já o Sol baixava quando começa a ouvir-se o som da louça que os rapazes de serviço ao grande salão tiravam dos armários de madeira tosca perfilados ao longo das paredes. Os pratos de cerâmica vidrada e os canecos que cada comensal usaria eram guardados mais perto do salão, mas dali saíam as grandes taças e travessas cheias de comida de onde cada um se serviria e os jarros para o vinho e a cerveja, que andavam sempre numa roda-viva para serem novamente cheios. Tudo isto era cuidadosamente levado e colocado sobre as longas mesas de madeira que em breve seriam ocupadas por todos os membros da corte de D. João. Damas e cavaleiros, padres e frades, portugueses, ingleses e alguns castelhanos, todos se sentariam a partilhar a grande ceia, aquecidos pelas grandes lareiras e rodeados pelas longas tapeçarias que cobriam as paredes e tornavam aquele salão um espaço confortável e acolhedor. Ainda bem que assim era, pois a seguir ao repasto ainda muito se passaria, entre a música dos menestréis que cantavam as bravuras do seu rei, pequenos jogos e desafios improvisados e o inevitável passinho de dança. Toda esta animação era apreciada de perto pela mesa real, que encabeçava todo o conjunto. Recém-casados e entusiasmados com a vida que agora começavam, até o rei e a rainha

se juntavam às danças e davam o mote para uma grande noite, digna desta jovem dinastia que agora reinava Portugal e em breve conquistaria o mundo.

Os passos de D. Mécia perdem-se no tempo juntamente com as histórias de todos quantos passaram pelo Castelo de São Jorge ao longo dos séculos. Histórias de guerreiros e comerciantes, reis e rainhas que se conjugam no topo de uma colina com vista para o rio. Tudo começa na Idade do Ferro, por volta do século VII a. C., quando ali se instalam populações atraídas pelas excelentes condições de defesa e que talvez tenham construído uma primeira muralha. À boa visibilidade que dali tinham para o território em redor e para o Tejo, juntava-se ainda a existência de nascentes de água, um bem precioso em qualquer época.

Dali viram chegar os primeiros povos mediterrânicos, navegadores e comerciantes fenícios e púnicos oriundos da atual Síria e da colónia de Cartago, e que estabeleceram várias rotas comerciais no Mediterrâneo e costa Atlântica. Apoiados por colónias e entrepostos comerciais que se encarregavam de adquirir os produtos locais, estes recém-chegados trocavam-nos por mercadorias que ainda hoje surgem em escavações arqueológicas em Lisboa, como as cerâmicas gregas e fenícias.

A importância comercial do pequeno porto de *Allis Ubbo*, a amena enseada, acabou por despertar o interesse de um império romano em expansão e em guerra contra Cartago. Em 138 a. C., o procônsul Décimo Júnio Bruto chega a *Olisipo* e usa-a como base para a sua campanha de conquista dos povos lusitanos do Noroeste peninsular, construindo uma pequena fortificação e instalando o seu exército no topo da colina do Castelo. Depois de conquistada a paz romana, ao longo dos séculos seguintes a cidade imperial desenvolveu-se sobre a encosta e os vales em redor e o topo da colina perdeu importância. Libertos dos exércitos, poderá ter sido utilizado como espaço público civil ou religioso, que poucos vestígios deixou. Apesar disso, foram encontradas

algumas inscrições romanas reaproveitadas na construção das paredes do paço real que depois surgiu.

Os vestígios arqueológicos dizem-nos que o período islâmico assistiu ao renascer da função militar e civil desta área, a alcáçova de Uxbuna, onde estavam instalados os contingentes militares e o *wali* da cidade, o governador. A partir do século XI surge em Lisboa o primeiro castelo propriamente dito, uma fortificação que funcionava como base militar e incluía no seu interior a casa do governador, um bairro destinado à elite política e religiosa de Uxbuna e o último reduto da proteção, mais tarde chamado de Castelo Velho e hoje conhecido como Castelejo. Aos seus pés estendia-se a medina, preenchida pelas mesquitas, os *souks* e as tradicionais casas de tradição norte-africana, também ela protegida por uma muralha hoje conhecida como Cerca Moura.

A Conquista Cristã de 1147 veio trazer uma nova vivência e muitas mudanças à cidade cristã de Lixbona. No castelo mudam os protagonistas e começam a fazer-se alterações. Os soldados muçulmanos são substituídos pelos cristãos, o *wali* dá lugar ao alcaide e o rei de Portugal ali passa a ter a pousada real, ocupando a antiga casa do governador muçulmano durante as suas estadas em Lisboa. O bairro islâmico da alcáçova mantém-se em funcionamento mas parte dele é arrasado para dar lugar ao Palácio dos Bispos, residência do primeiro bispo de Lisboa, D. Gilberto de Hastings.

Esta nova realidade dá origem a remodelações e reconstruções contínuas, que se prolongam por séculos e dinastias, já que vários foram os reis que quiseram deixar a sua marca ao engrandecer o Paço Real da Alcáçova. D. Afonso III remodela a residência real e o Palácio dos Bispos, enquanto D. Dinis não poupa esforços para melhorar as suas condições e criar um paço verdadeiramente régio com uma capela dedicada a São Miguel, o arcanjo protetor do Reino. O mesmo fizeram D. Afonso IV e D. Fernando, que



mandou instalar o Arquivo Régio na Torre do Haver, onde já funcionava o Erário Régio, rebatizando-a de Torre do Tombo.

Também D. João I fez grandes alterações ao paço, adicionando novas dependências e mandando aterrar o fosso do Castelo Velho. Mas a mudança que mais marcou o castelo e a cidade durante o seu reinado foi a nova proteção «encomendada» a São Jorge, evocado pelos exércitos portugueses na Batalha de Aljubarrota e nomeado protetor do castelo pela nova dinastia de Avis. Uma decisão que acabou por ter eco na tradição oral da cidade, já que com o passar do tempo o Castelo de Lisboa passou a ser chamado de Castelo de São Jorge.

Ao longo dos séculos e até ser abandonado por D. Manuel I em prol do novo Paço da Ribeira, o Paço da Alcáçova foi-se tornando um conjunto enorme e muito heterogéneo, constituído por vários edifícios construídos em diferentes épocas, de diferentes alturas e estilos, ao qual foram sendo adicionados a Casa das Rainhas, capelas e algumas instituições régias. À volta do paço, a alcáçova foi sendo procurada por famílias nobres que também ali construíram os seus palácios, de forma a ficarem mais perto da corte. A opinião geral de quem olhava para o paço real nesta altura considerava-o um feio representante do rei, mas os registos de época contam-nos a história de um espaço muito rico, recheado do melhor mobiliário, tapeçarias e peças de decoração da melhor qualidade.

A beleza do interior do paço estava à altura dos seus habitantes e das grandes festas e ocasiões ali celebradas ao longo dos tempos. É no castelo que D. João I celebra o casamento da sua filha D. Isabel com o duque da Borgonha e onde, após a sua morte, D. Duarte é coroado rei em 1433. D. Afonso V ali celebra o nascimento do *Príncipe Perfeito*, que anos mais tarde, também no castelo, é coroado D. João II, em 1481.

Apesar de ter acabado por «mudar de casa», D. Manuel I ainda fez bom uso do seu palácio em eventos relacionados com